

Traz outro amigo também

Zeca



5
152
16



FICHA TÉCNICA

Coordenação

João Mário Mascarenhas

Autor

José Jorge Letria

Câmara Municipal de Lisboa

Pelouro da Cultura

Departamento da Cultura

Biblioteca Museu República e Resistência

Design

Creatix

Impressão

Grafispaço

Tiragem

1.000 exemplares

Depósito Legal

163532/01

Zeca

Traz outro amigo também

José Jorge Letria

Personagens:

Pedro (cerca de 20 anos)

Catarina (da mesma idade)

Francisco (da mesma idade)

Teresa (mãe de Catarina e de Francisco, cerca de 50 anos de idade)

1º agente da Pide

2º agente da Pide

A acção da peça decorre no dia 24 de Abril de 1974, tendo como cenário uma velha colectividade de cultura e recreio, na qual um grupo de jovens que acaba de vencer as eleições para os corpos gerentes, está a organizar um espectáculo em que actuará José Afonso. O espectáculo está marcado para o dia seguinte. Os jovens ornamentam a sala, distribuem as cadeiras e criam as condições técnicas para poderem ouvir um cantor que muito admiram e cuja mensagem de esperança e de transformação política do país no sentido da democracia os norteia e mobiliza.

Deslocam-se cadeiras, colocam-se festões nas paredes, estudam-se aspectos técnicos e, sobretudo, conversa-se e discute-se sobre a realidade portuguesa em vésperas do retorno do país à democracia.

Pedro (para Catarina) – É quase certo que vamos precisar de mais cadeiras. Acho que vai vir muita gente, mesmo aquela que se calhar nem esperamos. A malta está toda entusiasmada. É verdade, lembraste-te de trazer as flores?

Catarina – Não me esqueci, só que penso que é cedo para as trazer. De um dia para o outro murcham e depois temos que comprar outras e, como sabes, estamos com pouco dinheiro em caixa.

Pedro – Que flores é que escolheste?

Catarina – Pensei primeiro em rosas , mas depois escolhi os cravos. Nem sei bem porquê. São umas flores bonitas, com uma cor muito viva e não são caras. Acho que vão alegrar bastante a sala e fazer com que as pessoas nem reparem nas manchas de humidade que estão espalhadas pelas paredes.

Pedro – Acho que foi uma boa escolha. Eu gosto muito de cravos e nem te sei dizer porquê. Hoje, quando saí de casa, reparei que os do canteiro que há à minha porta estavam muito viçosos.

Catarina – Isso é por ser Primavera.

Pedro – Não sei porque é , mas é bonito. **(Pausa. Olha para o relógio)**. O teu irmão já cá devia estar. Ele ficou de trazer os folhetos para a divulgação do espectáculo.

Catarina – Deve estar a chegar. Ele disse-me que ia passar pela tipografia. Como sabes, ele não se costuma atrasar muito.

Pedro – É bom que não se atrase, porque ainda temos muitos pormenores para combinar. Esta é a primeira sessão cultural da nova direcção da colectividade e é preciso que não falhe nada. Os velhos iam bater palmas de contentes se isto falhasse.

Catarina – Eles não são más pessoas. Sabes o que eles fizeram por esta casa.

Pedro – Claro que sei e também sei que muitos deles até votaram em nós, o que não foi fácil. Mas também sei que preferiam um baile à antiga ou outra coisa mais pacífica que não levantasse problemas políticos no meio da massa associativa.

Catarina – Mas vais ver que eles também vão aparecer. Muitos deles conhecem as can-

ções do Zeca e vão gostar de o ver aqui ao vivo. Ele vem de propósito de Setúbal para estar connosco e, como sempre, sem levar um tostão.

Pedro – Se eu fosse católico, até diria «Deus te oiça». Como não sou rezo baixinho um «Padre Nosso» mal amanhado

Catarina – Ah, é verdade, o padre Joaquim também vai aparecer.

Pedro – Quem te disse?

Catarina – Ora, disse-me ele. Sabes que ele é um padre novo, com ideias arejadas. Esteve ligado àquela malta da Capela do Rato e tem-nos ajudado em tudo o que pode. Acho que ele até é amigo daquele outro padre que canta.

Pedro – O Fanhais, que é do Barreiro? Só pode ser esse.

Catarina – Esse mesmo. Temos também que o convidar para vir aqui fazer uma sessão.

Pedro – Acho boa ideia. Ele canta um poema muito bonito de Sophia de Mello Breyner. (Pausa) Bem estou a ver que o teu irmão se perdeu no caminho. Se calhar foi ter com a Luísa.

Catarina – Qual Luísa?

Pedro (atrapalhado) – Se calhar já meti água. Refiro-me à Luísa, aquela miúda que entrou agora para Direito e que tem saído com ele nos últimos tempos.

Catarina – Já sei quem é. Por acaso até gosto dela. Cheguei a pensar convidá-la para a Direcção da colectividade, para ver se aumentava o número de mulheres. Senão vocês, os homens, tomam conta disto tudo.

Pedro – Não me digas que agora viraste feminista!

Catarina – Não é isso. O que se passa é que acho que as mulheres continuam a ficar demasiado em casa e a intervir muito pouco na vida política e cultural. Eu, por acaso, até sou uma excepção à regra.

Pedro – Aí concordo contigo, mas, por favor, não te tornes feminista, porque isso é uma

grande chatice.

Catarina – Deixa isso ao meu critério, Pedro, ou será que não és tão democrata como dizes que és!

Pedro – Só me faltava agora uma discussão ideológica, enquanto arrumo cadeiras para o espectáculo do Zeca. Por favor, Catarina, não é a altura!

Catarina – Pronto, deixamos isso para outra ocasião, mas olha que não escapas ao debate. Sabes bem como eu sou teimosa.

Pedro – Por mim será quando quiseres, mas por favor hoje não. (Pausa) Imaginas o que o Zeca irá cantar?

Catarina – Não faço ideia, mas espero que cante aquela... Deixa cá ver se me lembro da letra... «Olha o sol que vai nascendo / anda ver o mar / Os meninos vão correndo / ver o sol chegar / Mesmo sem condição / Irmão de todos os / Tira os olhos do chão / vem ver a luz / Negro bairro negro / bairro negro / Onde não há pão / Não há sossego».

Pedro – Essa, vai cantá-la de certeza. Ele costuma cantá-la em todas as sessões que faz. Acho que aqui não ia abrir uma excepção.

Catarina – Tu conheces o Zeca?

Pedro – Pessoalmente não, mas acho que é um tipo muito acessível, um gajo porreiro afinal, uma pessoa como nós, só que um pouco mais velha. Um tio meu é que estudou com ele em Coimbra. Depois ele foi dar aulas, acho que para o Algarve, e suponho que não se voltaram a encontrar, mas penso que o meu tio ainda o ouviu muitas vezes de capa e batina a cantar fados de Coimbra.

Catarina – Disseram-me que ele tem tido uma vida muito difícil. Parece que até já foi preso pela Pide, pele menos uma vez.

Pedro – Foi preso e foi impedido de dar aulas depois de voltar de Moçambique, o que é tramado para que tem mulher e filhos para sustentar. É assim que se tratam os artistas nesta terra. Prendem-nos e tentam matá-los à fome. Mas isto há-de mudar.

Catarina – Este país tem mesmo de dar uma grande volta. É uma vergonha acontecerem coisas

dessas e sobretudo continuarmos sem ter liberdade praticamente para nada. O padre Joaquim às vezes fala-nos de coisas da ditadura que nós nem imaginamos. É, de facto, um padre muito especial.

Pedro – Se calhar, por causa disso um dia destes tiram-no daqui e ele, por sua vez, farta-se e deixa de ser padre, como já aconteceu com muitos outros nos últimos anos. Ainda acaba por se casar e por refazer a sua vida!

Catarina – É o que te digo, Pedro: isto tem mesmo de levar uma grande volta.

Pedro – Por falares de grande volta, foi uma pena aquela tentativa de golpe militar nas Caldas da Rainha não ter dado certo. Se não forem os militares a resolver isto, não haverá solução.

Catarina – Então e o povo?

Pedro – Claro que o povo terá sempre a última palavra a dizer, mas os militares é que têm de tomar a iniciativa, porque eles é que têm a força das armas e já estão fartos de guerra em África.

Catarina – Aí concordo contigo. Derrubar uma ditadura só com palavras e com cantigas é muito difícil.

Pedro – Mas olha que ajuda muito. Se não fosse assim, como é que os militares ganhavam consciência daquilo que é preciso fazer? Olha que as cantigas do Zeca e da outra malta que costuma cantar com ele têm aberto os olhos a muito boa gente.

Francisco (entrando a trautear uma canção de Zeca Afonso, com um LP debaixo do braço)
– Desculpem o meu atraso.

Pedro – Já estávamos a ver que não vinhas, e lá tínhamos nós que fazer tudo sozinhos. Trouxeste os folhetos?

Francisco – Trouxe e trouxe também um LP do Zeca, para se pôr a tocar lá para fora enquanto o espectáculo não começa.

Catarina – Que disco trouxeste?

Francisco (mostrando-o) – Trouxe o «Cantigas do Maio», que ele gravou em Paris e que tem